

Fédida e o erotismo da palavra dos começos: uma homenagem afetiva

Renata Udler Cromberg

Testemunho da memória intemporal, este texto foi construído a partir das vindas de Pierre Fédida a São Paulo. Entre as várias impressões desses encontros, ressalta a ênfase no papel do vazio na escuta analítica.

Éa primeira vez depois de sua morte que recupero algo vivo, imagens: o silêncio que antecedia uma fala sua em supervisão. O grupo imóvel, vivendo com ele a densidade de seu longo silêncio, cada respiração ofegante sua, a sensação de sua alma vagando perscrutava o vazio de onde surgem as palavras transformadas pela escuta. Então, de sua aparência de maestro beethoveniano vinha a palavra, como um acorde, ou melhor, uma nota hesitante em ritmo de adágio *molto lento* que ia pouco a pouco encontrando o veio de onde brotava a contundência do sentido que estava lá, à espera de ser encontrado.

Acheminement vers la parole, Heidegger, seminário de 1988, assim o conheci. A insistência de um caminho próprio por Heidegger, somado à fenomenologia de Binswanger deu-lhe este dom de perscrutar e acompanhar todos os *ritornellos* da depressão, em busca de liberar o vazio estéril e transformá-lo em vazio criativo pela produção de sentido. Amor pelas palavras. Amor e respeito que faziam com que ele lhes desse todo o seu

Renata Udler Cromberg é psicanalista, filósofa, mestranda em psicologia social no IPUSP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e autora de *Paranóia e Cena incestuosa*.

peso de poesia. Amor pela palavra dos começos. Palavra verdadeira nascida sempre do vazio. Sua prosa era sempre poética. Era não, é. Está em seus livros, verdadeira aventura através da densidade das palavras. Filosofia transformada em poesia. Psicanálise transformada em poesia. Porque a metáfora é o lugar de decantamento da verdade, sempre em fuga, mas vivida com o corpo e a alma no encontro com a palavra verdadeira. Verdade na linguagem, verdade da linguagem que carrega na palavra tudo o que não é ela e que nela está depositado, tornando-a passível de emergência.

É por precisar perscrutar o lugar do vazio de onde surge o sentido sempre fugidio através da palavra verdadeira que o silêncio do analista se faz necessário: para tirar a fala de seu lugar habitual, de senso comum, com valor designativo ou comunicacional nas máscaras da ação pragmática e funcional cotidiana. Criar o sítio do estrangeiro, pela ausência na presença e não ser uma presença ausente. Nem sempre isso é possível. Daí ele encontrar um sentido para a presença corporal do analista nos momentos psicoterápicos de uma análise ou na própria psicoterapia exercida por um analista. Mas é somente dando lugar ao vazio e à negatividade na fala que se criará a zona, o sítio do estrangeiro de onde brotam as figuras de outra cena, a cena estrangeira. É neste que se instala o pólo atrator da transferência. O sentido é fulguração, é a luz fugaz que brota na cena estrangeira fazendo espalhar um calor de afirmação da vida que dissolve temporariamente as zonas densas de dor e sofrimento do não-sentido, depositadas na junção corpo/psique, paralisias escuras da pulsão, continentes negros.

Lembro também dele apontando um detalhe de um quadro no *slide* e tirando deste todas as conclusões. Na leitura da pintura, figuração e conteúdo só surgiam após ele ter percorrido as matérias brutas das

Lembro-me
de Fédida
apontando o
detalhe de um
quadro no *slide*
e tirando dele
todas as
conclusões.

sensações e percepções a partir da materialidade: a pincelada, a consistência da tinta, a sobreposição das cores, as paradas do pintor e como aquele pormenor atraía o olhar, fazendo partir dele as principais linhas de composição. Só aí inseria o quadro no plano da significação, da sua posição na cultura e na história da pintura. Ora, o mesmo percurso ele fez uma vez, exemplificando pequenas falas de acesso possível num caso grave de depressão, uma paciente obesa que fazia da comida seu único prazer. Pediu para ela descrever vagarosamente, em detalhes, o que tinha comido durante todo o dia anterior à sessão e, ao transcrevermos o que ela havia dito, nas cores, cheiros formas e consistências da diversidade múltipla dos alimentos, deixou transparecer toda a volúpia que havia no relato. Por meio deste conseguia manter algum nível de ligação erótica que permitia uma elaboração psíquica, *a mínima*, que,

por sua vez, permitia sair dos longos silêncios mortíferos de vazio estancado e congelado, *habitat* quase cotidiano desta análise, onde o peso era a presença brutal do corpo impedidor de toda fala entre analista e analisando. E fazia questão de diferenciar este peso da visão da gordura, dizendo que qualquer homem presente na sala poderia testemunhar o quanto o corpo gordo de uma mulher poderia ser atraente sexualmente.

As máscaras africanas e as bonecas industrializadas ou a boneca sinistra do texto freudiano sobre o estranhamente familiar fizeram-no materializar o feminino em negativo, estéril solo das depressões, juntamente com uma fina e aguçada percepção clínica da violência do materno, sobretudo da depressão materna, irrompendo no auto-erotismo do jogo imaginativo da criança, de qualquer um dos sexos, perturbando de maneira duradoura a sexualidade e a criação, seu movimento de singularização, de acesso quando adulta a um estilo. No mais, a valorização winnicottiana da mãe dos inícios, da total dependência, da fusão propiciadora da *chôra*, este lugar em cada um de nós de acesso ao caos indiferenciado, pura luz dos inícios, matéria bruta de todas as figurações. Por isso, o zelo pela violência masculina contra a mulher. Em uma supervisão ele dizia: "Trata-se sempre do deslocamento do ódio e violência contra um homem."

Na última visita, senti-o dando ênfase ao caminho das identificações, um retorno quase clássico a Freud, sobretudo nas supervisões. Nas brumas das exposições, sentia-se o seu diálogo com Lacan, sempre como igual, seu amigo. Apesar das diferenças, uma ênfase também sua no percurso edípico. Curiosa, esta leitura imaginária, que fazemos do pensamento de um autor que acompanhamos com as vísceras, o coração e a razão, quando o sentimos navegar por águas novas. Naquele momento, lembro de ter

colocado, para mim, o campo das questões que o animavam como uma espécie de reflexão sobre os limites da escuta dos *ritornelos* da depressão, quando esta é o paradigma. Se o acesso ao vazio depressivo traz a riqueza de uma reflexão sobre o auto-erotismo e o papel da sua recuperação para uma vida erótica e sublimatória criativa, poder-se-ia pressentir o perigo de um esquecimento da operação da castração. No entanto, uma ênfase no percurso identificatório pelo Édipo e pela castração poderia levar a uma melancolização da castração, escuta mecânica, sujeição à ordem simbólica instrumental, “um viver o que tem que ser vivido” logicizado e lobotomizado da força erótica da criação singular.

Mas é em seu artigo, “O esquecimento do assassinato em psicanálise”, que inova, reinventa toda a potência e força do Édipo no seu mito fundador, no contexto de uma violência fundamental, inaugural. Comentei este artigo em *Paranóia*¹. Sem dúvida, a formação filosófica e a veia poética de Pierre Fédida dão as tonalidades com que lê a questão da paranóia em Freud, a partir de *A psicopatologia da vida cotidiana*, do “Manuscrito H” e também do mito filogenético freudiano, do homem originário que aparece em *Totem e tabu*. Se o escolhi, entre tantos outros criativos e originais contemporâneos seus, para fundamentar as investigações expostas, de minha autoria, até mesmo para figurar na epígrafe que inaugura o livro, é por duas questões imbricadas. Ambas me parecem fundamentais: a primeira, a da paranóia, como vestígio psicopatológico, de uma hostilidade originária, constitutiva, em negativo, do humano, pois a pretensão de sua desaparecimento é condição da criação do humano; a segunda, a questão do esquecimento do assassinato do pai em psicanálise e a banalização desse mito fundador.

Fédida inicia expondo a ambigüidade do conceito de pessoa,

Fédida expõe a ambigüidade do conceito de pessoa, “essa propriedade humana civilizada da vida, que progressivamente se impôs como uma conquista da cultura e como um progresso no espírito sobre a barbárie do assassinato”.

“essa propriedade humana civilizada da vida, que progressivamente se impôs como uma conquista da cultura e como um progresso no espírito sobre a barbárie do assassinato”² no mito de sua origem. A pessoa procede, na origem, de uma dupla operação iniciada pela renúncia à violência e ao assassinato, que é a violência absoluta. O mito fundador de *Totem e tabu*, que fornece as causas de tal renúncia, lembra-nos que se o homem originário é este ancestral de nosso inconsciente e de sua violência, o tornar-se humano corresponde a uma modificação essencial da identificação e da projeção e a uma descoberta da função da representação do outro que torna possível tal modificação. A universalidade dos ideais, que criam imperativos normativos ligados ao semelhante – ao respeito à pessoa – comuns à humanidade, passa por uma instrumentalização da linguagem, posta a

serviço da representação do semelhante e dando intencionalidade aos conteúdos de comunicação, criando uma discursividade jurídica implícita na comunicação. *Pessoa*, valor ideal de um semelhante, que traz o valor da compreensão mútua e da comunicabilidade, significando que a intersubjetividade constitui a subjetividade. Por outro lado, se o conceito de pessoa corresponde à inibição de ações assassinas até então provocadas pelo outro-hostil, índice de morte, “o paranóico poderia ser este vestígio psicopatológico que ainda testemunha que a *pessoa* é um produto da violência e nada esquece da hostilidade originária nem da ameaça que representa a presença do outro pelo simples fato da sua existência”³.

Como afirma Freud, a interiorização da agressividade não leva à sua eliminação, mas a uma psiquização dos conflitos, que não mais se darão no exterior enquan-

to combates. E Fédida se pergunta, evocando o texto freudiano da *Psicopatologia*, se não seria o paranóico essa personagem que dispõe da acuidade da vista dirigida às manifestações dos signos do outro e que não deve deixar nada à sombra de sua memória ou de sua consciência? A normalidade distancia o outro, em um semelhante que universaliza a pessoa no anonimato e que banaliza a morte em desparição, enquanto o paranóico encontra o outro como a violência da morte sempre provável.

Fédida apresenta uma hipótese interessante e original sobre a razão pela qual Freud não escreveu o seu trabalho anunciado sobre a projeção. Ele afirma que a questão da percepção do outro ficou em suspenso, pois o caminho seguido pela descoberta da transferência, assim como o lugar destinado ao sonho, que realiza um modelo de projeção, afastaria a questão de uma reflexão sobre a intersubjetividade. O que garante a projeção normal é a consciência das modificações interiores trazidas pela auto-observação. Mas, ao contrário, se a violência é da ordem de uma projeção deformada, seria como se a outra pessoa no exterior se tornasse o aparelho infernal de percepção. É essa operação violenta que Freud não explora, segundo Fédida, e que Schreber descreveu tão bem ao visualizar o corpo do outro como um dispositivo óptico capaz de penetrar e modificar o próprio corpo. Na paranóia, a projeção destina à outra pessoa, de modo animista, “a força física da corporeidade psíquica”⁴.

Fédida evoca Ferenczi e nos diz que sua correspondência com Freud traz inúmeros esclarecimentos sobre a paranóia, além de dar toda a perspectiva, do papel desempenhado pelo complexo paterno e pela homossexualidade na gênese da paranóia, sob sua relação com a transferência. Duas pessoas *em presença* aumentam o teor violento do que é psíquico e a capacidade des-

O que
está em jogo
é “a
intolerável
individuação
da criança”,
por meio
de sua
manifestação
de pessoa
psíquica.

te psíquico de se defender contra sua própria violência.

A violência procura aniquilar a vida psíquica. O quase paradigma de Ferenczi, do adulto homem violador ou assassino, aponta para a apropriação do que não pode existir separadamente. O que está em jogo é “a intolerável individuação da criança por meio de sua manifestação de pessoa psíquica e a tentativa, pela violência, de uma reapropriação originária da criança pelo genitor”, na qual “a posse genitorial seria um ato de refiliação da criança à mãe do pai”, no qual “o órgão genitorial do homem desempenha o papel violento de um laço de filiação à mãe – pelo afastamento da mãe da criança”⁵.

A partir da reflexão sobre as descobertas e explorações ferenczianas a respeito da *situação a dois* na psicanálise, Fédida tentará compreender a descoberta psicanalítica da transferência e seu contraponto, que

para ele é a teorização da paranóia. A violência selvagem da transferência, não domesticável pela teoria ou pela técnica, foi sempre reconhecida por Freud, naquilo que ela é capaz de esclarecer sobre a natureza da violência psíquica na relação primordial com a hostilidade suscitada pelo outro, ou para com ele experimentada, pela ameaça de desposseção do eu próprio e sua transformação em *estrangeiro*.

Com isso, Fédida consegue justificar o porquê de a transferência ser impossível para o paranóico. No fenômeno transferencial, que se dá entre duas pessoas, ocorre uma *absenteização*⁶ da pessoa do analista, uma alucinação negativa que o torna ausente em presença. Aqui, ao se apresentar *em presença*, evita-se a *presença* do mesmo. Na paranóia, há uma inversão do fenômeno transferencial, pois na visão aguçada do paranóico, a pessoa é infinitamente reiterada como o mesmo, como *presença* deste mesmo, visão alucinatória do corpo em frente e da menor de suas manifestações como signo singular. É pela anulação da ausência que fica impedida a alucinação negativa, constitutiva da transferência a partir da presença de uma pessoa. Há uma anulação da alteridade desconhecida da presença que produz, então, a pessoa como o *mesmo* ao qual é atribuída, projetivamente, a capacidade de hostilidade. No paranóico, estaria ausente aquilo que, no neurótico ou no sujeito normal, tornaria possível, em presença do outro, o *transferível*, que é a presença da observação de sua vida psíquica e dos movimentos hostis que a animam.

Evocando Sartre e seu texto *Entre quatro paredes*, Fédida nos diz que esta imaginação sartriana ilustra a violência depressivo-paranóide da pessoa sem espelho e sem janela, que passa a ser penetrável pelo pensamento de uma outra. Se a paranóia é caracterizada como um conhecimento e um julgamento ló-

gicos que têm toda a aparência de verdade, é porque, ao não estarem mais os corpos na comunidade das percepções de sentido, cada corpo amplifica sua especularidade e destitui a intersubjetividade. A ruptura da intersubjetividade corresponde à perda das apresentações (a distância temporal dada por uma presença) e por uma majoração das representações de *apresentação*. “Quando a pessoa se tornou espelho da pessoa, a violência do psíquico é, de alguma forma, absoluta”⁷. É pela forte ameaça de desaparecimento da pessoa que se compreende a defesa paranóica, “quando a identidade especular acentua opticamente a anamorfose da situação e exige, assim, essa reivindicação – de memória e raciocínio – do caráter quase jurídico da existência da pessoa”⁸.

A segunda questão, a do esquecimento do assassinato do pai em psicanálise, remete também a um esquecimento desse esquecimento. Fédida está tentando mostrar que a violência provém do psíquico. Então, critica qualquer tentativa de *humanização* da psicanálise, que esqueça o mito filogenético fundador, seja ela um neopersonalismo que se baseie na crença de uma insensibilidade clínica de Freud, ou as explicações vazias da violência que se referem à dessimbolização do pai na cultura ou à depressividade materna. O mito de origem, se retirado, enfraquece o alcance dos modelos e proposições da teorização metapsicológica, pois não esclareceria uma violência do psíquico.

O mito filogenético freudiano não lhe interessa enquanto uma sociologia da violência, que veria no sacrifício uma função ritual na transfiguração da violência recíproca em violência fundadora da humanidade cultural, segundo as idéias de René Girard. Também não é de um ponto de vista antropológico que o toma, pois por aí poderia ser facilmente questionado. Mas é em relação ao psíquico – à sua fundação – que o mito parece essencial.

A imagem
do pai
primitivo,
trazida por
Freud,
é a de um ser
totalitário
que reina
onipresente,
como senhor
absoluto sobre
as mulheres.

A imagem do pai primitivo, trazida por Freud, é a de um ser totalitário que reina onipresente como senhor absoluto sobre as mulheres. Sua potência sexual não deixaria aos filhos nenhuma chance de instaurar a ordem das gerações. Fédida diz que aquilo que a imagem do pai primitivo reflete é da ordem da massa. O próprio da massa é realizar a presença por inflação do contato, por fusão, como na hipnose ou no estado amoroso, presença sem memória nem linguagem, que não abre para nenhuma ausência.

A maneira particular pela qual os homens sempre souberam do assassinato do pai primitivo é o esquecimento, que é recalçamento originário constitutivo do inconsciente. O psíquico se origina neste esquecimento do assassinato, enquanto recalque originário. A partir deste mito, qualquer violência de assassinato implica um ideal idealizado, substituto do pai idealizado, expressão

exterior de uma violência paranóide-melancólica da angústia suicida, sacrificial, na qual o pai seria negado enquanto estruturação simbólica do psíquico. Evocando o texto de Freud, *Dostoiévski e o parricídio*, Fédida toma o ataque de morte, que se expressa nos ataques epiléticos e nas ausências epiléticas, como paradigma da questão do assassinato do pai e de seu esquecimento. A epilepsia afetiva do autor, ele a deriva da melancolia e diz ser uma paranóia impossível: desejo de morte do pai para ser o próprio pai de si, identificação com o pai morto pela realização da punição contra o desejo de morte. O esmagamento pela presença do pai, muitas vezes sob a forma do supereu sádico, com extraordinária violência suicida, produz a ausência como aniquilamento e desaparecimento de si.

É na análise que se pode designar e deixar construir topicamente o assassinato do pai, ainda que, como diz Freud, a confissão direta da intenção do parricida a que se chega na análise pareça intolerável sem preparação analítica. Isso se daria pela própria instauração da situação analítica. “A construção do assassinato do pai engaja completamente o sítio do estrangeiro, memória da linguagem e a função de subjetivação da ausência e da morte no analista”, que dependerá da natureza da representação oferecida por ele ao pai e à sua presença/ausência”⁹. Se a certeza dada pelo pai aos filhos, diferentemente da certeza sensorial da mãe, é a do nome, ou seja, reconhecimento da paternidade pelo pensamento, a construção do pai na análise se dá a partir de uma *desimaginação* de sua idealidade, *desimaginação* sensorial do pai, o assassinato como morte do ídolo, e pela conquista espiritual do figurável, no qual as representações psíquicas dão direito à liberdade imaginativa, em presença dos corpos dos pais. A violência está na falha do pai, na falha da construção paterna que pa-

A morte
concreta
do pai pode
fazer valer o
seu poder
de explodir
a bolha
do imaginário,
afastando a sombra
do seu excesso
de presença.

radoxalmente remete a uma presença excessiva do pai no psiquismo do filho, recusando-lhe o poder de sua própria paternidade e de sua capacidade de fazer identificações. A paranóia torna evidente esta violência que emana dos pais, na dimensão homossexual de uma transferência sem memória e sem linguagem.

Na paranóia, a neutralidade analítica pode ser de uma violência inaudita, pela repetição de uma violência da instauração de uma presença sufocante do pai. Mas essa compreensão não anula o essencial da situação analítica: o analista constrói o sítio da análise pela sua distância de estrangeiro e de linguagem, e é isso que lhe concede essa memória filogenética do assassinato do pai. "Sua neutralidade é testemunho de ausência de sua presença em pessoa"¹⁰. O abandono dela só pode apontar para a esquiva do analista de poder ser morto pelo ódio do

analisando que atravessa a experiência de castração.

O esquecimento do assassinato do pai em psicanálise pode até mesmo tomar a forma banalizadora de "uma insistência ideológica-temática sobre a função de simbolização do significante paterno"¹¹. A qualificação paradigma-pai da linguagem que garante a instalação do sítio analítico e de sua neutralidade repousa numa presença que se torna ausência. Pois os mitos mostram que "se o pai deixa a linguagem, tornando-se visível demais e presente, desencadeia-se, então, a violência do caos"¹².

Filiação

Comecei este artigo falando da recuperação de algo vivo em mim, imagem. Traço de memória sensorial, perceptivo. Não será esta a maneira com que um pai morto pode ficar fecundamente para seus filhos? Presença interna, onde o seu legado é apropriado pelos filhos porque é reconhecido primeiro como percurso de vida do pai. No que eu sou, o que era teu agora é meu, mas porque foi antes de ser meu, teu. Mas para que isso se dê é preciso afastar a sombra do excesso de presença do pai – na sua depressão ou na rigidez educativa que mascara sua impotência e seus apegos narcísicos – ou do excesso de presença do ódio e da inveja que assassina o pai, mas deixa seu corpo morto a acachapar, a mortificar e modificar o eu. Sombra *paranoicizante e melancolizante*. Fédida sabia como ninguém disso. Alertava sempre para o risco da transferência psicótica, embora, paradoxalmente, falasse a respeito do potencial psicótico de toda transferência. Para afastar o risco de sua presença transferencial excessiva, sempre brincava que tínhamos cada um sua análise para trabalhar o excesso de fascínio e sedução que sabia ser capaz de provocar.

É preciso, sim, assassinar o pai na fantasia para poder aceitar sua morte. Assassinar o excesso de pai, devorar e mastigar o corpo imaginário do pai idealizado. Esta fantasia universal traduz uma operação psíquica, necessária para que se possa tomar para si o que antes era atribuído ao pai: a função de abertura e acesso à erogeneidade, constantemente presente e renovada. Poder voltar ao erotismo dos começos, potência de criação, potência de linguagem, contato íntimo com algo de si e do amor, sem mais temer a sombra mortífera de uma mãe idealizada como onipotente e onisciente, que apenas um pai idealizado poderia barrar.

Pois, assim, a morte concreta do pai pode fazer valer o seu poder de explodir a bolha do imaginário. Para que sua ausência corporal possa se tornar presença alimentadora, nas fulgurações da memória imemorial, a simples lembrança da presença humana do pai como bastião possível para o nosso desamparo. Viver e aceitar a ausência e sentir a difícil e dolorosa ternura de uma saudade. ■

NOTAS

1. Renata Cromberg, *Paranóia*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000, pp. 174-180.
2. Pierre Fédida, "O esquecimento do assassinato em psicanálise", in *O sítio do estrangeiro*, São Paulo, Escuta, 1996, p. 25.
3. Pierre Fédida, *op. cit.*, p. 27.
4. *Idem*, p. 29.
5. *Idem*, p. 30-31 (tradução modificada).
6. Fecundo neologismo criado na tradução brasileira de Fédida.
7. Pierre Fédida, *op. cit.*, p. 35.
8. *Idem*, p. 33.
9. *Idem*, p. 55.
10. *Idem*, p. 61.
11. *Idem*, p. 63.
12. *Idem*, *ibidem*.